

Representação social da enfermeira no Brasil contemporâneo

*Izabela Rodrigues Poiar*¹

*Mariana Borba Ribeiro*²

Resumo: O presente trabalho investiga as representações sociais das enfermeiras no Brasil contemporâneo em imagens divulgadas na internet, identificando a diferença da imagem dos profissionais de Enfermagem quanto ao gênero e refletindo sobre as consequências da erotização e sexualização das enfermeiras. O artigo aborda a história da profissionalização da Enfermagem, hiperssexualização das mulheres, influência da mídia e de imagens midiáticas na representação social das mulheres e objetificação feminina. A pesquisa acessou três sites de busca por imagens: Google, Yahoo e Bing. Ao digitar a palavra-chave “enfermeira”, os resultados oferecem arquivos que erotizam e sexualizam a profissional de maneira constrangedora e depreciativa. Em contrapartida, ao pesquisar a palavra-chave “enfermeiro”, os materiais encontrados focam na prática laboral, como imagens de equipe de Enfermagem. Busca-se com o trabalho mudanças dos estereótipos sociais, promovendo elevação social e reconhecimento do papel da enfermeira na sociedade.

Palavras chave: Representações de gênero; Imagens on line; Enfermeira.

Abstract: The present work investigates the social representations of nurses in contemporary Brazil in images published on the Internet, to identify the difference of the image of Nursing professionals regarding gender and to reflect on the consequences of erotization and sexualization of women nurses. The article discuss the history of nursing professionalization, the hypersexualization of women, the influence of the media and media images on the social representation of women and female objectification. The research accessed three sites-engines for images: Google, Yahoo and Bing. When typing the key-word "enfermeira" (woman nurse), the following results are files that eroticize and sexualize the professional in an embarrassing and derogatory way. In contrast, when searching for the key-word "enfermeiro" (man nurse), the materials found focus on work practice, such as nursing team images. The work seeks to change social stereotypes, promoting social elevation and recognition of the role of the nurse in society.

Keyword: Gender representation; On line images; Woman nurse.

¹ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná

² Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná

Introdução

Uma das formas de representação contemporânea de grupos profissionais são as imagens que aparecem na mídia, sobretudo na internet, que têm grande influência sobre as opiniões e muitas vezes acarretam na estereotipização de pessoas e profissões.

Como mulheres estudantes de Enfermagem preocupadas com a representação que vem imposta sobre nós, entendemos que a elaboração de uma análise crítica dos estereótipos públicos da imagem da enfermeira quanto a representação social e as diferenças de gênero presentes na Enfermagem podem aumentar a conscientização sobre a imagem pública da enfermeira, além de possibilitar a discussão de estratégias de enfrentamento contra a estigmatização das profissionais e da profissão.

Portanto, o objetivo geral do trabalho é investigar as representações sociais das enfermeiras no Brasil contemporâneo em imagens divulgadas na internet, sendo os objetivos específicos, identificar a diferença da imagem dos profissionais de Enfermagem quanto ao gênero e refletir sobre as consequências da erotização e sexualização das enfermeiras, considerando ainda a dimensão étnico-racial.

No que concerne à Enfermagem, há reincidência de representações que denotam o corpo da enfermeira como objeto sexual, o que estigmatiza a sua figura. (COLPO et al., 2006). Em sites de busca por imagens, ao digitar a palavra “enfermeira”, encontram-se arquivos

que erotizam e sexualizam a profissional de maneira constrangedora e depreciativa. Em contrapartida, ao pesquisar a palavra “enfermeiro”, os materiais encontrados focam na prática laboral, como imagens de equipe de Enfermagem.

Diante desse contexto, o presente artigo³ está dividido em seis seções incluindo as considerações finais. Primeiro apresenta-se sumariamente a história da profissionalização da Enfermagem. Seguido de uma seção sobre a hiperssexualização das mulheres, que compreenderá a metodologia utilizada e análise e reflexão dos dados coletados. A seguir, apresenta-se o acervo conceitual da pesquisa: definição de gênero e sexo, relações de poder, violência de gênero, diferença de gênero no trabalho e feminismo. Após, será abordada a influência da mídia e de imagens midiáticas na representação social das mulheres. Por fim, objetificação feminina e as considerações finais com a conclusão do trabalho.

História e representação social da Enfermagem

Desde quando há registros sobre a história ocidental dos cuidados, as mulheres estão presentes. São consideradas tradicionalmente femininas as atividades relacionadas ao cuidado, primeiramente em casa com as crianças e, após, no auxílio ao parto. (PILARTE; SÁNCHEZ, 2014).

³ O artigo é resultado de pesquisa do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em enfermagem da Universidade Federal do Paraná, 2018

No que concerne às doenças, estas eram vistas de maneira mágica, através de misticismo, crenças e superstições, sendo entendidas como castigo dos deuses ou maldições por espíritos. Com isso, a Igreja Católica, a fim de promover a salvação eterna, passou a centralizar o cuidado através de serviços prestados por religiosos de diferentes ordens aos enfermos. Dessa forma, a relação entre as “enfermeiras” e a religião proporcionava ao seu trabalho um sentido de divindade, predominando os pensamentos de vocação espiritual. (PILARTE; SÁNCHEZ, 2014). Segundo Edith Oliveira (2018, p. 29):

Houve uma época em que eram as mulheres religiosas que exerciam o cuidado ao paciente. Com o decorrer do tempo, por volta dos séculos XVII e XVIII [na Europa], elas foram obrigadas a deixar a profissão e, dessa forma, foi necessário encontrar mão de obra substituta. Não foram encontradas pessoas bem qualificadas para tal atividade; aquelas que apareceram eram mulheres de representação baixa na escala social e moral duvidosa. Isso decorreu do fato de a profissão de cuidador ser pesada, insalubre e de baixa remuneração.

Essa constituição histórica dualista, estabelecida entre as religiosas, senhoras de caridade, devotadas, bondosas, caridosas, assexuadas e virgens, dedicadas à filantropia, que barganhavam a salvação através da prática do cuidar e, por outro lado, as mulheres leigas, mercenárias, subornáveis, prostitutas é constitutiva da Enfermagem. Ela proporcionou às “mulheres enfermeiras”, uma representação e identidade profissional que oscila entre a caricatura do

anjo branco (sagrado, cristão) e a prostituta (profana, pecadora). (SILVEIRA; GUALDA; SOBRAL, 2003)

No que concerne o conceito de representação, etimologicamente vem do latim ‘repraesentare’: fazer presente ou apresentar alguém ou algo ausente, inclusive uma ideia, por meio da presença de um objeto. (MAKOWIECKY, 2003). A partir do século XIV, o termo representação ganha novos significados como “retratar”, “figurar” ou “delinear”. A expressão passa, então, a ser aplicada a objetos inanimados que “ocupam o lugar de” ou correspondem a “algo ou alguém”. (SANTOS, 2011).

Blázquez (2000, p. 170) informa que o significado de representação, nos dicionários de língua portuguesa, é formado em torno de quatro eixos, dentre eles o do “aparato inerente a um cargo, ao status social”, “a qualidade indispensável ou recomendável que alguém deve ter para exercer esse cargo”; e sinônimo de “posição social elevada”. Sendo assim, representações nada mais são do que leituras e interpretações acerca da realidade construídas através de um determinado parecer social. Elas retratam esferas comportamentais, sociais e discursivas dos indivíduos com a cultura e seu universo particular, e de relações interpessoais. (CRUZ, 2008). Conforme Oliveira (2018, p. 37):

A importância da veiculação de representações - por meio de textos ou imagens pela mídia - na perpetuação de estereótipos ou na contribuição de novas representações reside na sua penetrabilidade, sem que haja, muitas vezes, correspondência com o real.

Em relação à Enfermagem, entende-se que há uma rede de representações sociais que, por meio de um conjunto de imagens, conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no cotidiano das práticas sociais, interna/externas à profissão, rede esta que chamamos de imagem profissional. Ela remete-nos à própria identidade profissional, em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão. A imagem profissional se concretiza, assim, na própria representação da identidade profissional. (OLIVEIRA, 2018, p. 36).

Hiperssexualização da mulher

A hiperssexualização da mulher está ligada a relações de poder. Detendo o monopólio da produção cultural, os homens brancos de elite definiram a si mesmo como protagonistas-sujeitos nas sociedades ocidentais, silenciando as subjetividades das mulheres, que foram olhadas e expostas através do tempo em esculturas, pinturas, fotografias, cinema, em anúncios publicitários e outras diversas formas de ver e retratar as visualidades através do olhar masculino. (ABREU, 2015).

Tal prática acarretou na visão hiperssexualizada do corpo feminino, que remete a atitudes discriminatórias no ambiente organizacional, caracterizadas pelo assédio moral, ou seja, práticas abusivas, por meio de comportamentos, palavras, gestos ou atos que

podem acarretar danos físicos ou psíquicos a um indivíduo. (HIRIGOYEN, 2006). Maria Freitas (2001, p. 9) declara que o assédio moral está ligado a um movimento repetitivo de uma pessoa de desqualificar outra, através de qualquer atitude abusiva. Pode surgir e se propagar em relações hierárquicas, marcadas pelo abuso de poder e manipulações cruéis. (BARRETO, 2000, p. 2).

A hiperssexualização da mulher nas imagens midiáticas é evidenciada por meio de uma série de combinações de características que sugerem submissão à vontade masculina, como posturas, vestimentas, expressões faciais, atividades retratadas, ângulos da câmera. Como exemplos têm-se as super-heroínas da ficção, que em grande parte são sexualizadas e erotizadas através de suas formas corporais e roupas.

Para aprofundar esse debate foi realizado uma pesquisa quanti/qualitativa e de análise de imagens. O material foi coletado no dia 25 de setembro de 2017, nas seguintes ferramentas de busca: Google, Yahoo e Bing. As palavras-chave utilizadas foram “enfermeira” e “enfermeiro”.

Para seleção da amostra, adotaram-se como critérios de inclusão: imagens retratando profissionais da Enfermagem, disponíveis em sites de busca da internet. Os critérios de exclusão foram: imagens consideradas sem relevância à pesquisa (bolo, biscoito, imagens e outros com temática da Enfermagem).

Como resultado, ao pesquisar imagens com a palavra “Enfermeira”, encontram-se muitos arquivos que erotizam a

profissional, expondo-a a situações constrangedoras. Os arquivos que representam a palavra “enfermeiro”, entretanto, retratam atividades laborais não sexualizadas.

Os achados foram analisados e computados de acordo com uma tipologia tríplice: quanto a serem sexualizadas, não sexualizadas e “outras”⁴. Como delimitação da amostra, foi decidido por analisar as primeiras 50 imagens que aparecem na busca. Em relação às imagens do Yahoo, de 50 imagens analisadas com a palavra “enfermeira”, 17 (34%) imagens se mostraram sexualizadas (sendo duas imagens de mulheres negras, retratando a mesma modelo); dez (20%) não sexualizadas (todas brancas) e 23 (46%) “outras” (desenhos, biscuit e bolo referentes ao tema). Em contrapartida, a palavra “enfermeiro”, das 50 imagens verificadas, duas (4%) se mostraram sexualizadas (sendo uma enfermeira, branca), 27 (54%) não sexualizadas (6 homens, sendo 3 negros, 14 mulheres brancas e 7 de equipe) e 21 (42%) “outras”.

Quanto às imagens do Google, das 50 imagens investigadas com a palavra “enfermeira”, nove (18%) se encaixaram no tópico sexualizadas (oito mulheres brancas e uma mulher negra), 24 (48%) não sexualizadas (todas brancas) e 17 (34%) “outras”. Em comparação, com a palavra “enfermeiro”, uma (2%) se mostrou sexualizada (homem, branco), 37 (74%) não sexualizadas (7 homens, destes um negro; 15 mulheres brancas e 15 de equipe) e doze (24%) “outras”.

⁴ Bolo, biscuit, imagens e outros com temática da Enfermagem

No que concerne às imagens do Bing, das 50 imagens com a palavra “enfermeira”, 17 (34%) foram sexualizadas (sendo duas representações sexualizadas de uma mesma modelo negra e quinze de modelos brancas), dez (20%) não sexualizadas (todas brancas) e 23 (46%) “outras”. Com a palavra “enfermeiro”, das 50 imagens, duas (4%) sexualizadas (homens, brancos), 29 (58%) não sexualizadas (dez mulheres, quatro imagens de um enfermeiro negro, oito de equipe de enfermagem e o restante de homens brancos) e 19 (38%) “outras”. Segue um exemplo das primeiras 50 imagens de um recorte do Google:

IMAGEM 1 – PRINT DO GOOGLE COM AS PRIMEIRAS 50 IMAGENS AO PESQUISAR “ENFERMEIRA”

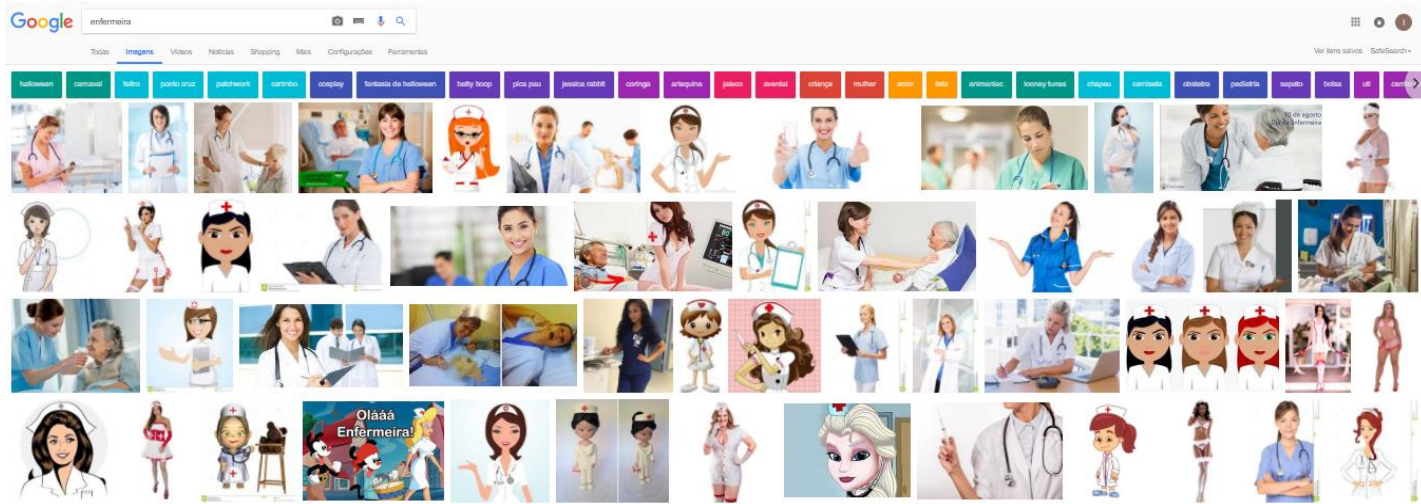
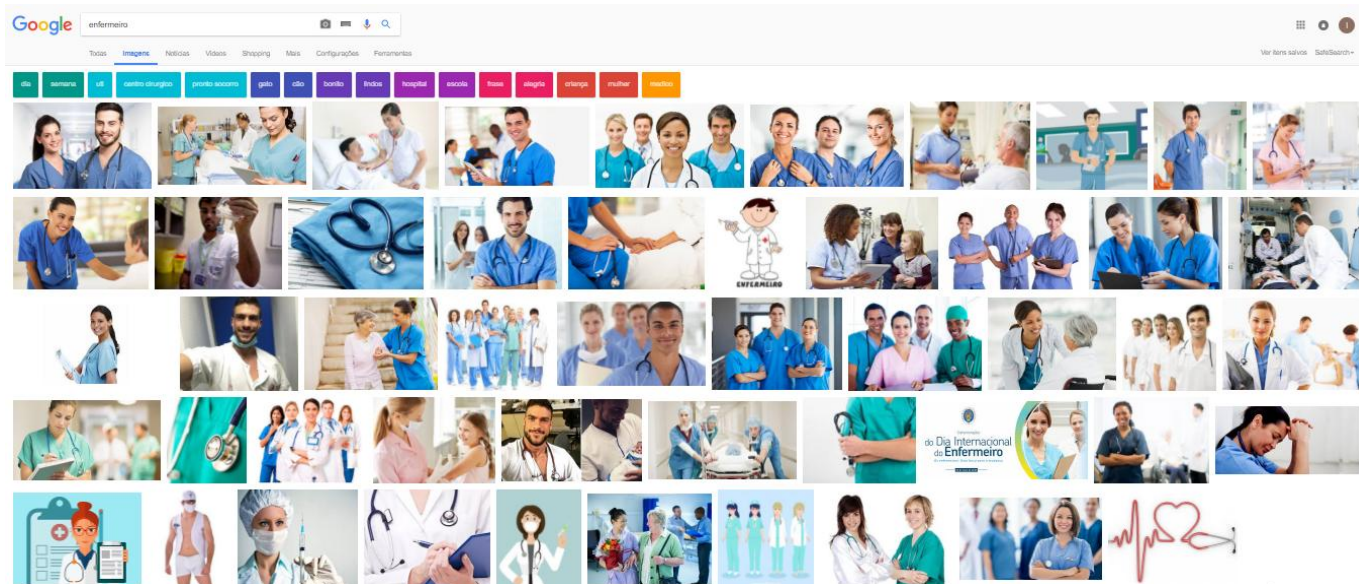


IMAGEM 2 – PRINT DO GOOGLE COM AS PRIMEIRAS 50 IMAGENS AO PESQUISAR “ENFERMEIRO”



Os dados analisados foram resumidos e estão representados de acordo com a TABELA 1 abaixo:

TABELA 1 – RESULTADO DA COLETA EM SITES DE BUSCA DE IMAGENS REFERENTE A PALAVRA “ENFERMEIRA” E “ENFERMEIRO”

VARIÁVEL	YAHOO				GOOGLE				BING			
	Enfermeira		Enfermeiro		Enfermeira		Enfermeiro		Enfermeira		Enfermeiro	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexualizadas	17	34	2	4	9	18	1	2	17	34	2	4
Não sexualizadas	10	20	27	54	24	48	37	74	10	20	29	58
Outras	23	46	21	42	17	34	12	24	23	46	19	38
Total	50	100	50	100	50	100	50	100	50	100	50	100

FONTE: As autoras (2018)

A fim de retratar de maneira nítida a discrepância entre os resultados coletados nas buscas, realizou-se três montagens (FIGURA 1, FIGURA 2, FIGURA 3) apresentadas abaixo:

FIGURA 1 – YAHOO IMAGENS



Fonte: Yahoo Imagens

FIGURA 2 – GOOGLE IMAGENS



Fonte: Google Imagens

FIGURA 3 – BING IMAGENS



Fonte: Bing Imagens

Representações imagéticas das mulheres

Desde o Renascimento europeu, a prática e o ensinamento artístico se desenvolveram por meio do estudo de modelos vivos, masculinos e femininos, para a compreensão da anatomia humana. Porém, enquanto os homens artistas puderam estudar o corpo humano em academias e escolas públicas, as mulheres foram impedidas de ter acesso a este tipo de conhecimento até o final do século XIX, ficando restritas aos chamados “gêneros menores” como o retrato, a natureza morta ou paisagem. (NOCHLIN, 1988, p. 160).

A mulher, por vezes ilustrada como hierarquicamente inferior, foi então retratada para reforçar a posição social do sujeito homem. Sua imagem como mãe, por exemplo, foi um dos temas mais frequentes do Renascimento Europeu e enfatizava o papel reprodutor que as sociedades patriarcais atribuíram às mulheres ao longo de diversos períodos históricos. (ABREU, 2015).

Posteriormente, artistas e teóricas feministas rebateram as imagens femininas na mídia e das artes visuais com o intuito não somente de identificar como também questionar seus efeitos no que concerne a elaboração da subjetividade, em especial o foco na relação entre as imagens de mulheres e a produção e sustentação da categoria “Mulher”. (ARRUDA, 2013).

As relações de gênero estão diretamente ligadas às relações de poder, são construídas socialmente, manifestam-se pelas relações de poder e subordinação através da distinção de cargos, ações, regras e comportamentos específicos destinados para homens e mulheres em diferentes culturas. Ou seja, ser homem ou mulher na sociedade não é definido pelo sexo biológico, mas a partir das relações sociais e culturais que ditam regras conforme a identidade de gênero atribuída. (SILVA, 2012).

Simone de Beauvoir (1980), ao pronunciar a frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, considera gênero uma construção social e, logo, que está atrelado às relações de poder estabelecidas entre os sujeitos, a cultura e a sociedade. Por conseguinte, compreender o conceito de poder torna-se primordial para entender a desigualdade de gênero. Para Michel Foucault:

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente (2008, p. 10).

Ao entender poder como característica de quem tem maior valor, a própria gramática da língua portuguesa apresenta-se como um exemplo de relação de poder, utiliza-se a concordância no masculino plural mesmo que exista mais elementos femininos que masculinos. (OLIVEIRA e KNÖNER, 2005).

Homens e mulheres são moldados socialmente através de práticas e relações que denotam seus modos de ser e estar no mundo. Portanto, as relações de poder são mutáveis e transformáveis, ninguém é fixo em uma posição e muito menos detém unicamente o poder, sendo possível alcançar a equidade de gênero e assimilar que se a desigualdade foi moldada socialmente ela é suscetível a transformação.

É importante frisar que sexo e gênero não são sinônimos. Sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres de acordo com os cromossomos expressos em seus órgãos genitais. Já a palavra gênero está relacionada às construções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade. Sendo assim, o masculino e o feminino são construídos socialmente através de um conjunto de convicções, que definem o modo de ser e agir no mundo. Ao descrever as características masculinas e femininas, observa-se atributos como doçura, delicadeza, dedicação, cuidado relacionado às mulheres, enquanto virilidade, coragem, força, agressividade são atribuídos aos homens.

A partir de 1975 o termo gênero passou a constituir uma entidade moral, política e cultural, ou seja, uma construção conceitual em contraposição a sexo, que se mantém como uma especificidade anatômica. (OLIVIERA e KNÖNER, 2005).

Joan Scott (1990, p. 86) o define como sendo um componente constituinte das relações sociais fundamentado nas diferenças perceptíveis entre os sexos, além de dar significado às relações de poder, já que estas se desenvolvem nas relações sociais, como já foi mencionado.

De acordo com Butler (2013) e Scott (1990), gênero pode ser explicado a partir de duas premissas: que as noções de gênero são modificáveis e possuem uma forte ligação com relações de poder, e que sendo um agir dinâmico se reitera através de expressões físicas e verbais, em que o gênero é incessantemente produzido no espaço das relações sociais, o que implica em reajustes. Portanto, observa-se uma inseparável relação entre o entendimento sociológico de gênero e socialização, não limitada ao domínio familiar e escolar.

É possível perceber que a desigualdade entre mulheres e homens é característica de muitas sociedades. A posição das mulheres em outras épocas, como o período colonial e imperial brasileiro, era subordinada ao domínio do pai e/ou marido, sem direitos políticos, econômicos e sociais. Ainda que não legalmente, parte dessa desigualdade ainda perpetua a exemplo a diferença nas oportunidades de acesso ao mercado de trabalho e a disparidade salarial. No entanto, é importante ressaltar que independente das situações distintas e desiguais, homens e mulheres não devem ser representados como dominadores e dominados, já que gênero e poder são relações construídas historicamente, que podem ser questionadas, reformadas e transformadas por intermédio de luta e resistência dos indivíduos nos âmbitos individual e coletivo.

A exemplo, essas desigualdades de gênero tornaram-se bandeira de luta do movimento feminista. O movimento feminista e de mulheres, em suas diferentes épocas, nuances de pensamentos e vertentes políticas, contesta a concentração significativa deste tipo de violência sobre os corpos femininos colocados em perspectivas assimétricas frente aos corpos e aos polos do poder masculino ainda presentes na sociedade. (COSTA; SILVERA; MADEIRA, 2012).

Mídia e imagens

A mídia está presente no cotidiano das pessoas, o mundo é visual e repleto de imagens, isto é, os indivíduos recebem uma infinidade de informações visuais, que contribuem para a formação do senso comum, além de promoverem a manipulação. (ABREU, 2015).

Diariamente, meninos e meninas são bombardeados com imagens que contém informes de como devem agir, se aparentar, se comportar, sobre o que é ser mulher, ser homem, ser belo, ser sexy, ser saudável. Consequentemente formam-se atitudes, valores, padrões comportamentais, estereótipos, preconceitos, e, assim, cria-se um mundo simbólico cujas representações indicam projetos e padrões a serem seguidos. (ABREU, 2015).

Portanto, é de extrema relevância entender, interpretar e criticar os significados e imagens deste ambiente midiático, a fim de compreender as representações que estão sendo formadas na sociedade e que incidem diretamente na construção das identidades.

Ruth Sabat afirma que a propaganda é um meio de “regulação social” que reproduz padrões aceitos pela sociedade, que são entendidos pelo sujeito como sua própria representação e assim se tornam reais, embora sejam imaginários. Ou seja, as imagens são criadas de acordo com o conhecimento que circula na sociedade, sendo que por trás delas existem signos, significantes e significados que são familiares às pessoas. (SABAT, 2013, p. 150).

Em relação às mulheres, a intensa exposição de seu corpo pela mídia tende a preservar a tão referida e problemática dominação masculina, o que caracteriza uma violência simbólica de gênero, ao perpetuar as desigualdades, através das práticas discursivas de representações e valores dominantes. Como o que ocorre nas propagandas (de cerveja, por exemplo), onde a mulher e o produto se fundem por meio de qualidades comuns, o que a torna um objeto de consumo, sendo retratada de maneira estereotipada e hiperssexualizada. Essa superexposição dos corpos femininos, confere ao feminino uma visibilidade de objeto e, raramente, de sujeito.

Violência simbólica de gênero é retratada através de ações violentas, como constrangimentos, produzidas por meio de relações sociais, interpessoais ou não, e impostas pelas representações sociais de gênero (o masculino e o feminino). Vale lembrar que esse tipo de violência sobre os corpos femininos foi construído historicamente por intermédio das relações assimétricas de poder.

Em relação a imagem dos profissionais da Enfermagem, esta é apresentada de maneira pejorativa e subserviente através da invisibilidade intelectual desses profissionais, desprestigiando sua imagem. (OLIVEIRA, p. 34). Se os meios de difusão de informação mostrarem a realidade laboral da Enfermagem, isso possibilitaria que as pessoas tivessem a sua própria interpretação e julgamento acerca da profissão e de quem se dedica a ela.

Objetificação feminina

Os resultados demonstram como a objetificação, principalmente da mulher, está presente na representação de profissionais da enfermagem. ‘Objetificação’ consiste em transformar um indivíduo em objeto, tomá-lo sem considerar seu emocional ou psicológico, retirando-o da sua posição de sujeito, com desejos e vontades próprias e transformando-o em um objeto passivo, portanto alvo para quaisquer atos de outros. (BELMIRO et al., 2015).

A objetificação feminina ou a objetificação sexual feminina se dá da mesma forma, sendo representada pela mídia, publicidade, filmes, revistas, vídeo games, entre outros. Desta maneira, mulheres são tratadas como objetos sexuais que servem somente para proporcionar prazer sexual a outrem. (PASSERINI, 1991; LAURETIS, 1994; LOURO, 2008; BELELI, 2010).

Como já mencionado, as desigualdades de gênero podem ser percebidas em algumas dimensões como a discrepância salarial. Entretanto, existem outras mais subjetivas que se apresentam na forma

como as mulheres são vistas e até que ponto são consideradas indivíduos autônomos, donas de seus próprios corpos. É nesse contexto que a objetificação do corpo feminino se encaixa. (POLITIZE, 2016).

Tal objetificação acarreta em diversas consequências, como a estereotipação da mulher com a instalação de padrões estéticos irreais, além da auto objetificação da mulher (uma vez que esta vive em um ambiente de objetificação tende a se auto-objetificar e objetificar outras mulheres), o que leva a problemas de autoestima e de socialização. (ASSOCIATION for psychological science, 2013)

Considerações finais

Alguns questionamentos guiaram a pesquisa, em específico: como se reproduz a hiperssexualização da mulher enfermeira? De que modo isso interfere em seu ambiente de trabalho? De que maneira isso é refletido em como a sociedade enxerga a profissão? As imagens produzidas e difundidas por aparatos tecnológicos de audiovisual e mídias digitais reforçam a desigualdade de gênero na profissão?

Ao finalizarmos o trabalho, concluímos que imagens divulgadas da enfermeira interferem em como a sociedade nos enxerga dentro da nossa profissão, sendo assim a enfermeira é vista de maneira sexualizada, o que afeta inúmeros campos no meio profissional. Essa hiperssexualização está presente em diversas esferas, como nas mídias digitais e em aparelhos de televisão por meio das novelas, por exemplo, o que reforça o histórico da profissão. Tal estigmatização reflete em nosso ambiente de trabalho através de assédios sexuais e/ou verbais que

sofremos tanto por parte de outros colegas de trabalho, como pelos próprios pacientes.

Portanto, a atuação diante do exposto deve-se objetivar mudanças dos estereótipos sociais, promovendo elevação social e reconhecimento do papel da enfermeira na sociedade.

Referências

ABREU, C. *Imagens que não afetam*: questões de gênero no ensino de arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. Anpap, Rio Grande do Sul, p. 3927- 3942. 2015.

ARRUDA, L. A. *Mulher com imagem*: um olhar crítico a representação e a identidade. São Paulo. Disponível em: <http://www.fg2013.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373315958_ARQUIVO_Lina_arruda_FG10.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

ASSOCIATION for psychological Science. Disponível em: <<https://www.psychologicalscience.org/news/releases/self-objectification-may-inhibit-womens-social-activism.html#.WJ3wmRIrKRs>>._Acesso em: 20 de abril de 2018.

BARRETO, M. *Uma jornada de humilhações*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

BEAUVOIR, S. DE. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELELI, I. “Gênero”. In: Miskolci, Richard (org.). *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos, Edufscar. 2010

BELMIRO et al. Empoderamento ou objetificação: um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas

de cerveja Devassa e Itaipava. Intercom – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

BLÁZQUEZ, G. Exercícios de apresentação: Antropologia social, rituais e representações In: CARDOSO, C.F; MALERBA, J. (org). *Representações - Contribuição a um debate transdisciplinar*, Campinas, p 169-194. 2000.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2013

COLPO, J. C.; CAMARGO, V. C.; MATTO, S. A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. *Cogitare Enferm*, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 67-72, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/5975/4275>>. Acesso em: 20 out. 2017.

COSTA, R. G.; SILVERA, C. M. H.; MADEIRA, M. Z. A. *Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina*. Ceará, p. 222- 240.

CRUZ, S. U. *A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja*. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14477.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 35. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

FREITAS, M. E. Assédio Moral e Assédio Sexual: faces do poder perverso nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 2, p. 8–19, 2001.

HIRIGOYEN, M.-F. Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LAURETIS, T. “Tecnologia do gênero”. In: Hollanda, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco. 1994

LOURO, G. L. “Cinema e sexualidade”. *Educação e Realidade*, v.1, n. 33, p. 81-98. 2008

MAKOWIECKY, S. Representação - a palavra, a idéia, a coisa. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, n. 57, dez. 2003.

NOCHLIN, L. *Why Have There Been No Great Women Artists?* Women, Art and Power. New York, 1988. p. 145-178.

OLIVEIRA, E. F. S. *Representação social da profissão enfermagem: reconhecimento e notoriedade*. Barueri (SP): Manole, 2018.

OLIVEIRA, Anay Stela; KNÖNER, Salette Farinon. *A construção do conceito de gênero: uma reflexão sob o prisma da psicologia*. Trabalho de Conclusão de Curso. Blumenau: FURB, 2005.

PASSERINI, L. “Mulheres, consumo e cultura de massas”. In: Perrot, Michele & Duby, Georges. *História das mulheres no Ocidente*. Porto, Portugal, Afrontamento, v. 4. 1992

PILARTE, J. R; SÁNCHEZ, M. S. História da enfermagem – ciência do cuidar. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde*, v. 5, n. 3, p.1181-96, 2014.

POLITIZE. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

SABAT, Ruth. “Gênero e sexualidade para consumo”. In: Louro, Guacira Lopes et al. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis. Vozes. Túlio Cunha Rossi. 2013.

SANTOS, D. V. C. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*, v. 3, n. 6, dez. 2011.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 16, p. 5-22. 1990

SILVA, C. *A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero*. Disponível em: <

http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

SILVEIRA, M. F. A.; GUALDA, D. M. R.; SOBRAL, V. R. S. *Corpo e Enfermagem: (ainda) uma relação tão delicada*. 2003. Disponível em: <http://www.uff.br/nepae/objn203silveiragualdasobral.htm>. Acesso em: 23 outubro 2017.

Recebido em 06/09/18 aceito para publicação em 04/12/18